

A última frase de Tancredo: 'Eu não merecia isto'

SÃO PAULO — Tancredo Neves não poderia imaginar que passaria por tanta agonia quando, no dia 14 de março, chamou o jornalista Antônio Brito e, ao convidá-lo para o cargo de Secretário de Imprensa da Presidência da República, disse, com um sorriso nos lábios:

"Vamos sofrer juntos?"

Por ironia do destino, horas depois o Presidente eleito enfrentaria a primeira das sete cirurgias. Pouco antes de ser submetido à sétima operação, 28 dias depois, apertou as mãos do neto Aécio Cunha Neves, no Instituto do Coração, e balbuciou: "Eu não merecia isto". Foi a última frase que se ouviu de Tancredo Neves, já respirando através do orifício aberto pela traqueostomia.

Na Sexta-feira Santa, dia 5 de abril, três dias após a quarta cirurgia, quando todos esperavam o fim de sua agonia, Tancredo manifestou seu último desejo: ouvir o trecho do Evangelho Segundo São Mateus, que descreve o momento em que Jesus Cristo expirou na cruz:

"Deus, Deus, por que me abandonastes? E o sol escureceu, e rasgou-se ao meio o véu do templo. E Jesus, clamando com grande voz, disse: Senhor, em Tuas mãos entrego o Meu espírito. E havendo dito isto, expirou".

O desejo foi satisfeito pelo capelão, Padre Léo, e por frei Beto, juntamente com toda a família de Tancredo.

Bom-humor e otimismo no início; impaciência, depois; finalmente a resignada consciência da morte. Assim o Presidente Tancredo Neves comportou-se nos 39 dias de enfermidade.

Já no dia 15 de março, após recuperar-se da anestesia da primeira cirurgia, Tancredo passou a bombardear parentes e médicos com sua curiosidade sobre os ritos da transferência do poder:

— Então, como foi? O Sarney tomou posse? Correu tudo bem?

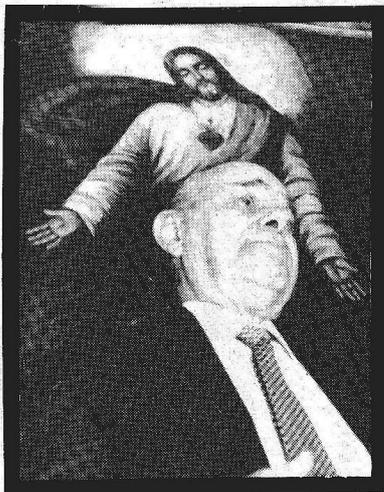
No dia 17, domingo, Sarney reuniu o Ministério, cumprindo a convocação feita por Tancredo, e leu o discurso que o Presidente eleito havia preparado para o dia. No leito do Hospital de Base, sem perder a cronologia dos dias e dos fatos, voltou a perguntar:

— E então, foi feita a reunião do Ministério?

Na visita que lhe fizera na manhã do dia anterior, o Presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, satisfizera, na medida do possível, sua avida curiosidade sobre a evolução dos acontecimentos políticos.

No dia 18, Tancredo pediu que instalassem um telefone na sala de recuperação, para comunicar-se com o Palácio do Planalto e com políticos. O telefone chegou a ser instalado, mas não foi usado. Nesse dia, um médico surpreendeu o Presidente cantarolando pelo quarto ladainhas religiosas que costumava entoar nas procissões de São João Del Rei, lamentando não poder participar da solenidades de Semana Santa.

No dia 20, Tancredo foi submetido à segunda cirurgia, com os intestinos presos, o abdômen dilatado e os pulmões com princípio de infecção. Antes de ser anestesiado, pediu aos parentes: "Rezem por mim".



O otimismo e a resistência psicológica à doença se manifestaria no dia seguinte, quando os médicos o informaram sobre a cirurgia realizada:

— Presidente, o senhor precisa sarar — disseram os médicos.

— Preciso não, eu devo sarar. Agora podemos preparar o terno da posse — retrucou Tancredo.

Entretanto, no mesmo dia, Tancredo já demonstrara impaciência:

— Desde às 8 horas da manhã vocês não me dão sossego — reclamou, depois de uma longa série de exames.

Foram três dias bons, antes do sobresalto da terceira cirurgia e da súbita transferência para São Paulo. Ele chegou a iniciar a alimentação oral, reclamando do iogurte e estreando a gelatina, que ainda não conhecia. Andou pelo quarto e insistiu em ser transferido para a suíte presidencial do quarto andar do Hospital de Base.

Desde que voltou a falar, após a segunda cirurgia, diariamente, por volta das 20 horas, Tancredo lia salmos da Bíblia com o padre Novarino Brusco. No sábado, 23, pediu o 114, que diz: "Obrigado, Senhor, por ter me salvado do abismo". Nesse mesmo dia escreveu a carta ao ao Presidente em exercício José Sarney, que se tornou seu último documento oficial. Tancredo elogiava a conduta de Sarney no exercício da Presidência, afirmando:

"O seu exemplo tem me dado forças para superar estes momentos".

Por esses dias, o bom-humor de Tancredo, confiante na recuperação, transparecia com frequência. Dona Risoleta comentou certa vez ao marido que os equipamentos que o cercavam junto à cama "pareciam uma árvore de Natal", ao que Tancredo retrucou:

— Parece mais é um pé de jaca.

Logo após a primeira cirurgia, Ulysses Guimarães contou que faltou esparadrapo quando faziam um curativo em Tancredo, que brincou:

— Só porque fui eleito Presidente não vão começar a fazer economia comigo, né?

No dia 23 de março, Tancredo recusou a cama especial, adquirida para ele, da qual não gostava. Para justificar a recu-

sa, brincou: "Cama especial é mordomia".

Ao posar para fotografias, no dia 25, antes da hemorragia que o levaria a São Paulo, insistiu em usar gravata. Contentou-se com o robe de chambre e o lenço de seda. Reconheceu o fotógrafo Gervásio Batista, cumprimentando-o:

— Gervásio, meu filho, como vai você?

Apesar do otimismo da equipe médica, em seguida constatou-se a presença de sangue nas fezes e, no dia seguinte, era transportado às pressas para o Instituto do Coração, em São Paulo, por determinação do gastroenterologista Henrique Walter Pinotti, que passou a ser o médico-chefe, em substituição a Pinheiro da Rocha.

No avião que o levou de Brasília a São Paulo, silencioso, o Presidente olhava para Dona Risoleta, sentada à sua direita, e para os agentes de segurança pessoal, crispando os lábios — tique que manifestava nos momentos de tensão. Reclamou também das turbulências que o avião enfrentou.

Pouco depois de chegar ao hospital, reclamou a um dos médicos:

— Mas doutor, ontem eu estava tão bem, tirei fotos, e agora estou aqui?

Ao ser informado, no dia 26, que seria submetido a terceira cirurgia, pelo médico da família, o cirurgião mineiro João Batista Rezende Alves, reclamou:

— Não pode ser depois? Estou tão cansado!

Entretanto, continuava a manifestar confiança, dizendo a Dona Risoleta: "Nós vamos vencer mais essa".

No dia seguinte, recebeu a visita do

Presidente em exercício José Sarney, em companhia do Governador Franco Montoro, fazendo o gesto que se transformaria em símbolo de sua resistência: apontou para o abdômen, contou até três com os dedos e levantou o polegar, em sinal de que tudo estava positivo.

Na sexta-feira, 29, o barbeiro que terminou de fazer sua barba recebeu um comentário bem-humorado de Tancredo, que perguntou:

— Quanto lhe devo?"

No dia 2 de abril, entretanto, os médicos constataram que

uma alça intestinal estava aprisionada no interior da hérnia, no lado esquerdo do abdômen, e descobriram também um novo foco infeccioso. Ao ser avisado da necessidade da quarta operação pelo cirurgião Resende Alves, respondeu:

— Se é necessário, vamos logo. Vamos acabar logo com isso, doutor.

E para Dona Risoleta, que chorava, dirigiu palavras de conforto:

— Nós vamos sair dessa, mais uma vez.

Sob anestesia peridural, perguntou várias vezes, durante as duas horas de cirurgia:

— Quando isso vai acabar? Ainda falta muito tempo?

No dia seguinte à operação, Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, comentou confiante aos repórteres:

"O homem quer viver é quer chegar ao poder". Os médicos, por sua vez, surpreendidos com a capacidade de resistência de Tancredo, exclamavam: "O homem é de ferro".

Enquanto esteve consciente, Tancredo comunicava-se com palavras, gestos e bi-

A inconsciência definitiva a partir do dia 12: sedativos e máquinas substituíam a vida

letes. O Superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, observou que ele não reclamava, mesmo nos exames mais dolorosos.

Na quinta-feira da Semana Santa, dia 4 de abril, sofreu a última anestesia de que teve conhecimento antecipado. Era a quinta cirurgia. Ao cirurgião Henrique Walter Pinotti, já recebendo respiração artificial, através do tubo orotraqueal, novamente contou de um a cinco com os dedos, finalizando o gesto com o polegar apontado para cima.

Na Sexta-feira da Paixão, fez dois gestos premonitórios. Escreveu em um bilhete: "Risoleta" e "São João Del Rei", que alguns parentes entenderam como o desejo de ser sepultado em sua cidade natal. Em outro papel, pediu para ouvir o ser-

mão das sete palavras, que começa com a invocação de Cristo: "Deus, Meu Deus, por que me abandonastes?" Tancredo acompanhou a leitura do sermão segurando as mãos de Dona Risoleta e da filha Maria do Carmo. O padre Leocir Pessini e o frei Beto leram o sermão. No terceiro bilhete, pediu um rádio de pilha.

No Sábado de Aleluia, dia 6, Tancredo foi levado para o Instituto de Radiologia do Hospital das Clínicas para exames de tomografia computadorizada. No Domingo de Páscoa, voltou a sentar-se e ficou quase duas horas em uma poltrona colocada na sala de UTI, para reativar o funcionamento dos intestinos.

Sempre com o incômodo tubo orotraqueal, na terça-feira, 9, escreveu aos médicos: "Aguardo suas decisões". O bilhete foi escrito às 13h20m e às 16 horas Tancredo era submetido à sexta cirurgia — a da traqueostomia, que indicava que o Presidente já não poderia respirar sozinho. O Secretário de Imprensa, Antônio Brito, transmitiu aos jornalistas a previsão dos médicos: "Daqui para a frente, os ganhos serão milimétricos".

A última grande vitória de Tancredo foi sobreviver à sétima operação, no dia 11 de abril, quando os médicos localizaram mais três focos infecciosos na base do mesentério. Desta vez, nem soube que seria operado.

Tancredo começava a agonizar. Os gestos, que ainda prenunciavam esperanças de recuperação, desapareceram a partir do dia 12, quando passou a ser mantido permanentemente sob efeito de sedativos e com o auxílio de

Máquinas substituindo os pulmões e os rins.

Assim, no dia 13 de abril, sábado, ele não pôde ver Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, entrar na UTI com um roupa esterilizado e transmitir a bênção do Papa João Paulo II, que deveria ter sido transmitida no dia da posse.

Dom Paulo contou que o Presidente parecia ser miadormecido, respirando tranquilamente e movia os lábios, "como que acompanhando e agradecendo".

Nos dias seguintes, Antônio Brito repetia o que os médicos já admitiam: "Agora, só um milagre".

